

## Sobre o rádio do futuro<sup>1</sup> Ricardo Haye<sup>2</sup>

Artigo submetido em 28/03/2011 e aprovado em 15/05/2011

### Resumo

Apesar dos prognósticos contrários, o sistema de meios ainda subsiste com os componentes que tinha no final do século passado. Contudo, uma poderosa reconfiguração está modificando muitas de suas características históricas. O rádio não escapa do processo de convergência e complementaridade entre plataformas que ocorre hoje. Neste contexto, é preciso estudar as contribuições que o meio, particularmente bem dotado para o relato, pode realizar a um grande número de projetos de narrativa transmidiática.

**Palavras-Chave:** Rádio, Convergência, narrativa transmidiática.

15

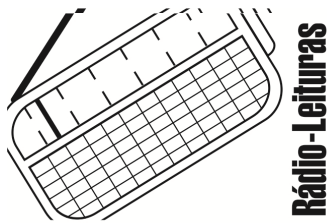
Todos nós, que crescemos sob o império dos meios massivos, nos acostumamos a escutar profecias apocalípticas que ditavam a morte do livro, o desaparecimento do cinema, a inanição do rádio. Nada disso aconteceu e, antes de nos aventurarmos em outra profecia temerária, convém respirar um pouco e refrear os ímpetos alarmistas.

A prudência, no entanto, não pode fazer com que percamos de vista que estamos assistindo uma potente reformatação do ecossistema midiático. Algumas das características mais marcantes dessa reconfiguração provêm de uma constante

---

<sup>1</sup> Tradução: Debora Cristina Lopez.

<sup>2</sup> Professor e pesquisador da Universidad Nacional del Comahue (República Argentina). Autor dos livros “Hacia una nueva radio” (Paidós: Buenos Aires, 1995), “Outro siglo de radio” (La Crujía: Buenos Aires, 2003) e “El arte radiofónico” (La Crujía: Buenos Aires, 2004). Coordena o LEAR, Laboratório Experimental de Arte Radiofônica ([www.lear-radioarte.com.ar](http://www.lear-radioarte.com.ar)). Email: [rmhaye@speedy.com.ar](mailto:rmhaye@speedy.com.ar)



## Sobre o rádio do futuro

Ricardo Haye

atualização tecnológica que propiciou condições de convergência e complementaridade entre plataformas e suportes. Outras particularidades, muito articuladas com as anteriores, respondem a processos econômico-políticos de vocação hegemônica que se manifestam em movimentos de concentração e monopolização dos meios e dos recursos.

Neste cenário devemos situar o rádio com vistas a uma necessária atualização histórica.

Inicialmente, devemos indicar que começaram a dissolver-se algumas das caracterizações da natureza do meio, tão precisamente expostas naquele segundo capítulo de um texto que todos nós trabalhamos incansavelmente, como é o do Mario Kaplún (1978).

A atividade radiofônica e a legislação correspondente já não podem ser definidas unicamente pela referência ao modelo hertziano ou ao sistema de difusão que utiliza o espectro radioelétrico. Nem por sua cobertura geográfica, nem por conceitos em transformação como a simultaneidade e a instantaneidade de seu serviço. E também não por sua natureza exclusivamente sonora. Todas essas noções estão em crise. Os processos tradicionais estão sendo modificados pelo padrão digital e pelo desenvolvimento de outras plataformas como as de satélite, de cabo, de internet ou de telefonia celular.

A rádio sincrônica, essa emissão de fluxo contínuo durante 24 horas, nos sete dias da semana, perde a exclusividade como objeto de estudos. Agora deve compartilhar o sugar com a rádio diacrônica que possibilita o podcasting.

Já não é possível trabalhar somente a partir da estrutura de grandes blocos horários, que concentravam audiências massivas oferecendo produtos efêmeros. A compreensão fechada do rádio dos nossos dias exige também que nos ocupemos dos

produtos descontínuos, de menor duração, mas de vida mais longa, produzidos *on demand* para atender a audiências muito específicas e localizadas.

O rádio digital trará vantagens como a melhor qualidade técnica do som, a maior quantidade de ofertas entre as quais a escolha de conteúdo e a ampliação das possibilidades de interação por parte dos ouvintes.

Contudo, parece aconselhável controlar o entusiasmo até perceber em que medida tudo se confirma e, enquanto isso, seguir atento à evolução que se registra no processo.

Ainda que estejamos atrasados no que diz respeito ao que vem ocorrendo em países distintos do nosso, convém saber o que acontece em outros lugares.

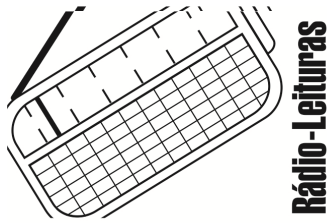
A União Européia de Rádio aponta que na Europa se verifica uma desaceleração dos usuários de televisão, mas um auge no consumo de rádio. O organismo sustenta que 84% de pessoas acima de 13 anos escutam rádio diariamente.

Em 2007 havia no mundo mais de 2,7 bilhões de aparelhos de rádio (dois terços são analógicos) e cerca de 300 mil estações de rádio na internet com 50 milhões de ciber-escutas.

O rádio tem uma forte presença, ajudada por uma grande quantidade de dispositivos que permitem sintonizar seus sinais. É possível escutar através dos telefones celulares, do iPod, dos rádios-relógio que nos acordam e até através das escovas de dente que já trazem um chip para que também no banheiro o rádio nos acompanhe.

Tudo isso nós já sabemos. Mas o aspecto que precisamos começar a ter em conta são as redes sociais. A BBC de Londres já envia o sinal Radio Pop, que define





## Sobre o rádio do futuro

Ricardo Haye

como uma “rádio social”. Tudo o que seus ouvintes precisam fazer é escutar as diferentes programações da BBC através de um sinal emitido em *streaming* pela internet, utilizando a página de reprodução da própria cadeia. Quando escute algo que lhe agrade especialmente, só precisa clicar em um pequeno botão.

Desta forma, se estabelece uma estatística personalizada, que se pode acessar a qualquer momento. Além disso, o usuário pode convidar seus amigos a utilizarem o mesmo sistema. Dessa maneira, utilizando os mecanismos das redes sociais e aproveitando as sinergias de gosto entre os amigos de cada usuário, a programação acaba convertendo-se em verdadeiramente pessoal e ao mesmo tempo social.

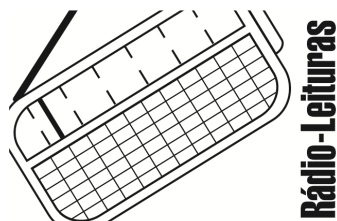
Precisamente do ponto de vista programático a rádio está repensando sua concepção generalistas, já que as transmissões especializadas ganham terreno a cada dia. Na Espanha, pela primeira vez em 2007, o rádio especializado desbancou o generalistas na preferência do público.

Do mesmo modo, na Europa – mas também em vários países sul-americanos – as audiências giraram o botão e passaram do AM ao FM majoritariamente.

Estes processos não alcançam uma correspondência absoluta na Argentina, onde a rádio generalistas ainda conserva hegemonia e a amplitude modulada ainda retém grandes cotas de audiência. O paradoxo se observa na maioria das cidades de interior, onde muitas das emissoras de baixa potência que transmitem em frequência modulada ganharam parcelas do público... retransmitindo rádios AM das capitais.

## 2. O rádio em um contexto emergente

As confluências e intersecções de indústrias e tecnologias midiáticas convivem com um entrecruzamento de conteúdos com a deriva ativa que o público pode realizar entre todos eles.



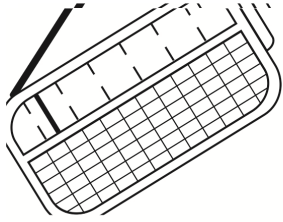
Inicialmente, convém reparar que todas as rádio já contam com uma janela própria na rede. Dependendo da fortaleza de cada organização, a partir dali se pode acessar sua programação, conteúdos que foram transmitidos e que se mantêm para o benefício do ouvinte, a antecipações do que virá, à transcrição escrita de notícias ou de entrevistas transmitidas e também a outros serviços, desde suportes visuais até links de páginas web vinculadas.

As propostas de uma emissora tão forte como Rádio Nederland estão transbordando o caráter exclusivamente sonoro de seus textos. Os jornalistas da emissora internacional holandesa vêm incorporando aos seus produtos imagens fixas e em movimento, porque já não percorrem o mundo com um gravador de áudio, mas com uma câmera nas mãos. E suas mensagens alcançam ouvintes cada vez menos através das antigas transmissões em ondas curtas e a cada dia mais mediante as retransmissões por satélite e por meio da página da rádio matriz na internet.

De toda forma, um dos aspectos mais sugestivos dessa trama complexa de textos e suportes é constituído pelo surgimento de novos *projetos de narrativa transmidiática*, uma estratégia que utiliza várias plataformas para alcançar o público com seu relato e que transcende o conceito de multimídia.

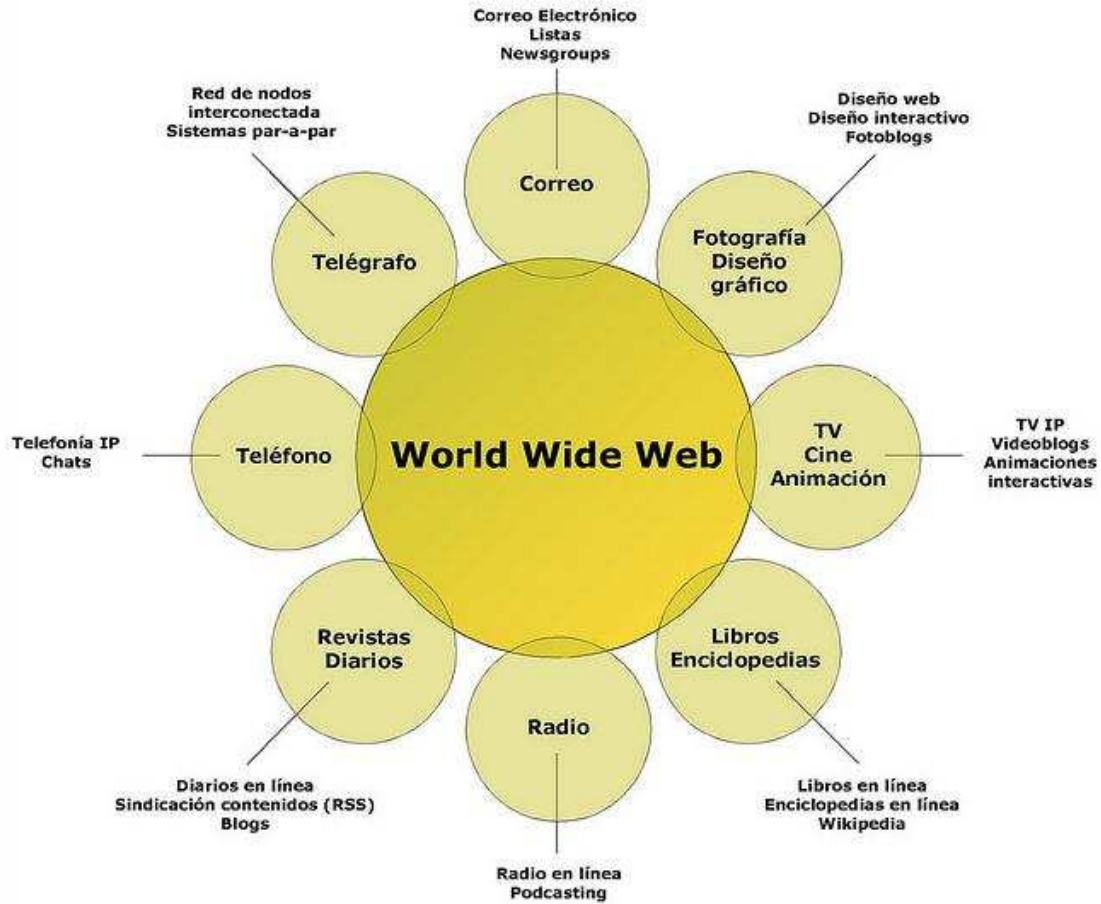
Este último termo se aplicava à adaptação de um mesmo conteúdo a diversos suportes, tais como livros, filmes, séries de televisão ou videogames, que qualquer pessoa pode consumir de forma independente.

O *transmídia*, ao contrário, procura construir uma *experiência imersiva* que se vê favorecida porque o *motivo central* do relato alcança *extensões* em plataformas diferentes da original, as quais se oferecem como *múltiplos pontos de entrada*, adicionam algo mais à história e geram um âmbito narrativo envolvente.



## Sobre o rádio do futuro

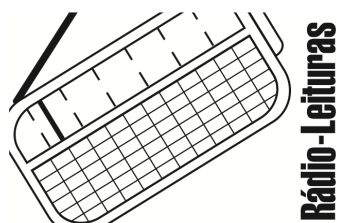
Ricardo Haye



Scolari, C. (2008) *Hipermediaciones. Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva*, Gedisa, Barcelona

Matrix e tantos outros filmes de pressupostos fantásticos se ramificam em videogames, séries de animação, histórias em quadrinhos, páginas web, blogs e episódios concebidos para as telas de TV, computadores ou telefones celulares que, além disso, obtêm ampla repercussão em fóruns e redes sociais.

O aspecto interessante é que o usuário pode decidir até onde quer chegar na “leitura” do texto, expandindo ou limitando seus movimentos entre os diversos meios.



Ano II, Num 01  
Edição Janeiro – julho 2011  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

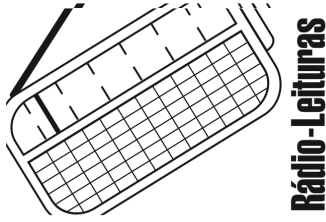
Os exegetas do modelo também remarcam a possibilidade que se abre para o público para “participar” na criação, ainda que essa alternativa seja difícil de se verificar.

Porém, graças à convergência midiática cada leitor, ouvinte, telespectador ou internauta possui condições de arquivar, comentar, transformar e colocar novamente em circulação os conteúdos midiáticos de um modo que há alguns anos era utópico.

Além das contribuições sistemáticas que elaboram o estadunidense Henry Jenkins (2008) ou o argentino Carlos Scolari (2008), a rede oferece inúmeras atualizações que informam sobre a evolução de um fenômeno no qual a história está em todos os lugares e não aparece limitada pela uma hora e meia de duração do filme ou as 24 páginas de uma história em quadrinhos.

21





## Sobre o rádio do futuro

Ricardo Haye

Como não se trata de reiterar conteúdos em cada suporte, a narrativa transmidiática pretende oferecer as melhores possibilidades de cada um deles a serviço do crescimento da história. Desse modo, as diferentes plataformas podem servir para capturar a atenção de distintas comunidades de fãs.

Em alguns dos meios participantes podem aparecer novos personagens; outros oferecerão histórias secundárias e outros apresentarão mundos paralelos. O planejamento do projeto narrativo transmidiático pode graduar níveis de complexidade em função dos públicos que acessam uma ou outra janela.

Muitos roteiristas e diversos romancistas devem estar felizes já que a emergência deste cenário de complementaridades midiáticas habilita novas alternativas profissionais. Por outro lado, o modelo demanda uma construção coral dos relatos, algo que sem dúvida pode contribuir para enriquecê-los.

Resta saber se o olhar comercial hegemônico com o que a transmídia se apresenta é capaz de habilitar espaços em termos de sua aplicação educativa ou a serviço da dinamização social e se pode contribuir para o desenvolvimento humano de quem, até aqui, de maneira geral se define como “consumidores”.

É certo que as novas tecnologias já atuam há anos para transformar nossos modos de trabalhar, nos divertir, apresentar e até pensar, com um impacto ainda não devidamente mensurado sobre nossa capacidade de concentração ou dispersão e a constância ou volatilidade de nossa atenção.

Nunca como hoje a humanidade teve tantas possibilidades de acesso à ficção. O dado se torna relevante pois o discurso narrativo oferece uma forma de conhecimento e compreensão distinta da puramente teórico-discursiva. As histórias são território fértil para o desenvolvimento de concepções e interpretações menos dogmáticas sobre o mundo e a humanidade. O relato é imprescindível porque convoca a imaginação e torna mais aguda nossa sensibilidade.



Ainda que as últimas décadas pareçam contradizê-lo, o rádio tem uma vasta e nutritiva experiência nesse campo. O suficiente para considerar que seria um desatino manter-se à margem dessas colossais construções narrativas.

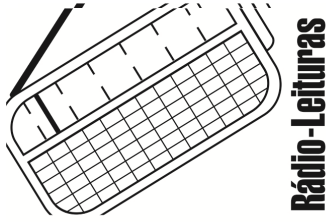


A participação da radiofonia irá requerer a recuperação de sua capacidade de relato e, assim, de seus roteiristas e seus quadros de intérpretes, assim como também uma ampliação do registro com que seus editores e editores de montagem trabalham hoje, no quase excludente campo informativo.

### **3. Cólófon**

Na perspectiva acadêmica aparece o desafio de contribuir com o conhecimento de um público que busca acessar experiências mediante a navegação e interação entre os meios.

Compreender o comportamento das pessoas que convivem sob a égide cada vez mais manifesta desse sistema convergente de meios é fundamental em um momento em que seus hábitos estão sendo modificados por esse conjunto de suportes



## Sobre o rádio do futuro

Ricardo Haye

que não só multiplica o número de mensagens, mas que também transforma o modo como são recebidas.

Nesse contexto, a conceituação do rádio não deve ficar circunscrita ao marco meramente instrumental se deseja evitar sua degradação epistemológica.

Por isso é preciso que, ao redor do meio, se criem e promovam instâncias de reflexão crítica que contribuam para o surgimento de propostas radiofônicas sensíveis e conscientes de seu tempo.

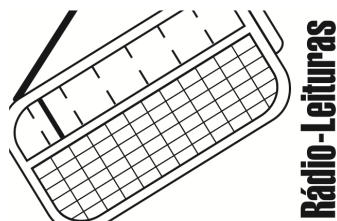
O meio que nos ocupa deve assumir energicamente a ampliação de sua agenda temática e a construção de novas poéticas sonoras, que refresquem o seu discurso; que nos possam oferecê-lo como catalisador de reflexões, mas também como um elemento de deleite, de gratificação perceptiva, de fruição estética.

As rádios devem ser instituições dedicadas a promover, competente e profissionalmente, a cultura, a educação e recreação de suas audiências. E têm que fazê-lo de uma maneira lúdica, inovadora e atrativa. Exibindo em cada segundo de transmissão uma identidade própria, imediatamente distinguível de qualquer outra.

O olhar dos profissionais e dos acadêmicos deve transcender as rotinas de produção e alcançar a totalidade do processo comunicativo. Isto é, a essa instância que produz um contato ou encontro criativo capaz de unir distâncias, presenças, estados de espírito ou disposições intersurgentes (BRAJNOVIC, 1979, p. 45).

O rádio merece uma profunda reflexão teórica que coloque em primeiro plano sua capacidade de interação social, seus modelos de refletir a realidades, suas potencialidades inativas.

E, obviamente, também precisa de talento para que seu som deixe de ser repetitivo, previsível, ordinário. O rádio se manterá através da inteligência, criatividade



Ano II, Num 01  
Edição Janeiro – julho 2011  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>

e, sobretudo, imaginação. Porque, depois de tudo já dizia Albert Einstein, “conta mais a imaginação que o conhecimento”.

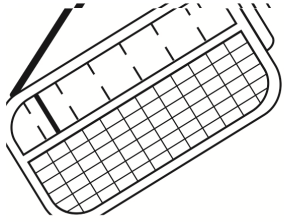
## Referencias

BRAJNOVIC, Luka. **El ámbito científico de información**. Pamplona. EUNSA, 1979.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**. La cultura de la convergencia de los medios de comunicación. Paidós. Barcelona, 2008.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. CIESPAL. Quito, 1978.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Gedisa. Barcelona, 2008.



## **Sobre o rádio do futuro**

Ricardo Haye

### **Abstract**

Despite predictions to the contrary, the media system still exists with the components it had in the late twentieth century. However, a powerful reconfiguration is modifying many of its historic features. The radio does not escape the process of convergence and complementarity between platforms that occurs today. In this context, we must study the contributions to the medium, particularly gifted to the report, can perform to a large number of transmedia storytelling projects.

**Keywords:** Radio, Convergence, Transmedia Storytelling.